

DIMAS; Samuel; EPIFÂNIO, Renato; LÓIA, Luís, coord.

*Redenção e escatologia: estudos de filosofia, religião, literatura e arte na cultura portuguesa*

Lisboa: Nota de Rodapé Edições, 2015

Volume I, tomo 1. 430 p. ISBN 978-989-20-5876-4. Volume I, tomo 2. 334 p. ISBN 978-989-20-5876-4

ANTÓNIO MARTINS

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2021.10390>

Universidade Católica Portuguesa, Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0003-1544-1258>

Redenção e escatologia, para além do seu contexto teológico ou religioso, são conceitos antropológicos que dizem a exigência humana do sentido. No coração de cada homem e de cada mulher late o desejo de uma inteireza, de uma vida realizada e feliz. Todo o ser humano vive na esperança de uma redenção e de uma consumação existencial, mesmo quando essa esperança se limita ao âmbito da finitude e seja desfeita pelo inevitável da morte. A isso podemos chamar escatologia, ainda que num sentido antropológico muito horizontal. Num sentido teológico mais rigoroso, escatologia refere-se à esperança religiosa na vida eterna que passa pela redenção da morte. Para além de categorias imediatamente teológicas, redenção e escatológica dão a pensar à reflexão filosófica, não só porque a teologia necessita de uma filosofia, mas também porque a existência religiosa é fonte de pensamento e de inteligência do humano, bem como de inspiração estética.

Os dois tomos aqui recenseados do primeiro volume de *Redenção e escatologia: estudos de filosofia, religião, literatura e arte na cultura portuguesa*, reúne contributos vários no âmbito da teologia, da filosofia, da arte, da literatura, no contexto da história da cultura portuguesa. Trata-se das primeiras publicações de um ambicioso projeto de investigação interdisciplinar intitulado «Redenção e Escatologia no Pensamento Português» organizado pelo Centro de Estudos de Filosofia da Faculdade de Ciências e Humanidades da Universidade Católica Portuguesa, com o apoio do Instituto de Filosofia Luso-Brasileiro e do Grupo de Investigação «Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura Portuguesa», do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras do Porto. Os coordenadores da presente edição, e também do projeto, os professores Samuel Dimas, Renato Epifânio e Luís Lóia, afirmam logo na abertura da edição: «A investigação apresentada nesta obra tem por objetivo identificar a relevância do tema da redenção escatológica na cultura portuguesa, desde o período que antecedeu a formação da nacionalidade até à contemporaneidade» (Tomo I, volume I, p. 17). Este primeiro volume «dedica-se à época da Idade Média, na consideração de que os temas escatológicos estão presentes na cultura portuguesa desde a sua génese sob a forma de imaginação literária e artística e no contexto da experiência mítico-religiosa e da reflexão teológico-filosófica» (Tomo I, volume I, p. 17).

Nas palavras dos coordenadores, que corresponde também à tese arquitetónica de inteiro projeto de investigação que agora, por fases, se publica, procura-se «evidenciar que em Portugal existe uma profunda reflexão escatológica que não se reduz à configuração mítica do real e não se confina aos movimentos messiânicos e milenaristas, fundamentando o seu desenvolvimento na filosofia grega e latina da herança patrística» (Tomo I, volume I, p. 18).

---

Os valiosos contributos de diversos investigadores, na especificidade das suas áreas, resgatam temas, autores e fontes, lidos e interpretados pela correlação entre as categorias redenção e escatologia. O projeto é, sem dúvida, ambicioso, quer pela cronologia, quer pela diversidade de épocas, temáticas e contextos históricos. Se a teologia e a filosofia se apresentam como o contexto nativo do presente projeto, este convoca também outros saberes e competências da área das ciências humanas (Filosofia, Literatura, Arte). Daí o seu indiscutível valor interdisciplinar.

A literatura cristã neotestamentária é sóbria em matéria de representações escatológicas. Cristo Ressuscitado é a consumação e a redenção da história, da humanidade e do universo; tudo e todos para Ele se orientam e nele são plenificados. A história das ideias em matéria de escatologia foi acontecendo num crescendo, onde racionalidade e imaginação se conjugam e mutuamente se fecundam. A imaginativa literatura apocalíptica, a fantasia dos textos apócrifos, a geografia do além das narrativas mitológicas greco-romanos, primeiro, e celtas e germânicas, depois, ajudaram a fecundar o imaginário escatológico ao longo da história do cristianismo. As representações populares da vida eterna, com a sua geografia do Paraíso, do Inferno e do Juízo Final discriminatório de bons e maus, influenciaram profundamente o imaginário cristão medieval, mas também o judaico e o muçulmano.

O tomo I do primeiro volume *Redenção e escatologia* oferece-nos contributos no âmbito da História Antiga e Medieval, numa preocupação de diálogo inter-religioso, pois apresenta abordagens sobre a escatologia cristã, judaica e islâmica. Após uma introdução geral, indagando uma filosofia da redenção e da consumação do mundo, com uma assumida inspiração teológica, a primeira parte é dedicada à herança cristã patrística na Galécia e na Lusitânia, com referência ao contributo de Paulo Osório sobre a ação sobrenatural da graça na redenção do mal e da morte; a Apringeio de Beja que escreveu o primeiro comentário peninsular ao Apocalipse; a S. Martinho de Dume e a S. Frutuoso, em sua proposta de uma exegese simbólico-moral sobre o fim dos tempos. A segunda parte tem em conta a herança islâmica e hebraica no Al-Andalus e no Gharb Al-Andalus, na tentativa de conciliação entre as noções de criação e de ressurreição, oriundas da teologia hebraica (Avicena) e muçulmana (Averróis), com a ideia de imortalidade da alma, própria da filosofia grega veiculada por Maimónides; propõe uma reflexão sobre a representação do inferno e do paraíso no pensamento e na arte islâmicas e hebraicas no território hispânico. Na terceira parte, intitulada «Filosofia e espiritualidade cristã no início da nação», o capítulo quinto é dedicado à visão franciscana da consumação do mundo e da salvação das criaturas, a partir do pensamento de Santo António de Lisboa, de Fr. Álvaro Pais, de André do Prado, de Fr. Gomes de Lisboa e do Beato Amadeu da Silva. O capítulo sexto refere-se à concordância entre a natureza e a graça, a razão e a fé na peregrinação ascética do Paraíso celestial, com referência a Pedro Hispano, Fr. Paio de Coimbra, Fr. André Dias e Fr. João Claro.

Se o tomo I oferece-nos fontes antigas para as representações escatológicas do imaginário medieval cristão, o tomo II apresenta investigações já especificamente centradas numa literatura imediatamente anterior ou contemporânea da nacionalidade portuguesa. A quarta parte da obra é dedicada à investigação sobre as representações do Inferno e do Paraíso na literatura espiritual conventual e na literatura historiográfica e ficcional. O capítulo sétimo trata das visões do Inferno e do Paraíso na literatura doutrinária e de edificação. Nos mosteiros de Santa Cruz de Coimbra e de Santa Maria de Alcobaca floresceu uma literatura de inspiração

monástica que procurava consolidar, através de narrativas hagiográficas, a esperança escatológica do próprio monge em sua vida quotidiana. A par desta literatura de inspiração monástica e com finalidade ascética, surge uma outra, de inspiração mais laical, assente numa teologia política, ou seja, numa visão escatológica dos acontecimentos históricos, produzida nos círculos aristocráticos de cavalaria. A isso é dedicado o capítulo oitavo, intitulado «Providência e escatologia na literatura sócio-política historiográfica e romanesca». A quinta parte tem por título «Providência e salvação na obra da Dinastia de Avis e na arte do Reino». O capítulo nono, «Predestinação e Redenção na Historiografia e na Filosofia da geração de Avis e no teatro vicentino», apresenta uma referência incontornável à teatralidade da vida e da morte e à viagem para o Além em *As Barcas*, de Gil Vicente. O último capítulo (o décimo) é dedicado por inteiro às representações artísticas medievais da escatologia cristã, com passagem pela iconografia tumular românica, pelo Beato de Lorvão e pelas Bíblias portáteis e pelos missais dos séculos XIII e XIV.

À primeira vista a obra pode parecer construída de fragmentos em seu resultado final, pois trata-se de coligir e reunir informação dispersa pela história da cultura portuguesa. A arquitetura da obra, nos dois volumes aqui referidos, é complexa; a sequência entre o temático e o cronológico tem as suas inevitáveis tensões internas. Mais do que uma evidência imediata, a unidade é dada pela orientação inicial e estruturante da investigação e da publicação: a relevância do tema da redenção escatológica na cultura portuguesa. O indiscutível mérito da investigação aqui publicada consiste em resgatar do silêncio do esquecimento ou das bibliotecas, fontes e temas desconhecidos, ou conhecidos por poucos no âmbito de círculos restritos de partilha do conhecimento. Assim se colocam ao dispor da comunidade académica e do público em geral fontes, documentos, bibliografias, interpretações, propostas hermenêuticas que, de outro modo, não aconteceriam, ou não teriam a oportunidade de ser reunidas num único projeto editorial. Porque os próprios números falam por si, o primeiro tomo conta com a participação de 26 investigadores e o segundo com 19. O facto de os investigadores terem partilhado os seus contributos em dinâmica de seminários e de comunicação pública, e agora oferecerem à comunidade os textos resultantes da sua investigação, só poderá augurar um futuro promissor. Saudamos os coordenadores do projeto e da publicação, antes de mais pela ousadia, e depois pela persistência na organização, cujo produto final agora podemos recolher, avaliar e partilhar. É duplo o sucesso deste arrojado projeto de investigação, tanto pela complexidade temática como pela amplitude cronológica. Primeiro passou por uma rigorosa planificação, coordenação e concretização dos contributos concretos de cada investigador; depois passou por converter todos as comunicações em textos para editar e assegurar financiamento para a edição. Estamos perante um trabalho de alto rigor científico, de disciplina, de dedicação e de entrega de um vasto número de pessoas, cujos rostos mais visíveis são os seus coordenadores editoriais.